

## PROFESSOR DE PORTUGUÊS X PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

ANDRADE, Rogério Lordão  
[rogeriolordao@yahoo.com.br](mailto:rogeriolordao@yahoo.com.br)

MACENA, Carla Valesca de Andrade  
[lesca\\_c@hotmail.com](mailto:lesca_c@hotmail.com)

SANTOS, Ritiane Lessa dos  
[rithianel@hotmail.com](mailto:rithianel@hotmail.com)

ARAUJO, Maria José de Azevedo.  
Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras-Português da  
Universidade Tiradentes - UNIT.  
[Azevedo1956@bol.com.br](mailto:Azevedo1956@bol.com.br)

### RESUMO

Este artigo científico apresenta uma breve reflexão a respeito da temática: “preconceito lingüístico” através de pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico destacando-se o aporte teórico baseado em Marcos Bagno. O preconceito lingüístico é um aspecto alimentado não só pelo ensino de língua portuguesa nas escolas, como também pelo uso nas diversas instâncias comunicativas, como televisão, jornais, etc. Se pensarmos na nossa prática como professores, podemos identificar "deslizes" que acontecem na dinâmica do dia-a-dia da sala de aula, pelo fato de não estarmos suficientemente preparados para conviver com as diferenças. É preciso encarar estas situações, sem medo de sermos vistos como um profissional sem "ética", "desrespeitoso" ou "preconceituoso". Estas dificuldades estão presentes, são reais e dizem respeito às diferenças étnicas, sociais, de aparência física, de personalidade, de gênero, lingüísticas e de estilos cognitivos. Portanto, é preciso que o professor de Língua Portuguesa possa efetivamente fazer uma reflexão sobre sua postura, pois só assim poderemos pensar o ensino sob um olhar mais democrático e menos preconceituoso.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa; Gramática; Preconceito Lingüístico, Ensino.

## ABSTRACT

This paper presents a brief discussion about the issue: "linguistic prejudice" through qualitative research, the type literature highlighting the contribution is based on theoretical Marcos Bagno. The language is a prejudice fueled not only by the teaching of English in schools, but also by using communication in the various forums, such as television, newspapers, etc.. If you look at our practice as teachers, we can identify "deslizes" that happen in the dynamics of day-to-day in the classroom, because we are not sufficiently prepared to live with the differences. We must face these situations, without fear of being seen as a professional without "ethics", "desrespeitoso" or "preconceituoso." These difficulties are present, are real and relate to differences ethnic, social, physical appearance, personality, gender, language and cognitive styles. Therefore, it is necessary that the teacher of Portuguese Language can actually make a reflection on his attitude, because only then can we think about the teaching under a look more democratic and less preconceituoso.

## KEYS - WORD

Portuguese Language; Grammar; Prejudice Linguistics, Teaching.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da língua portuguesa na escola vem sendo discutido há algum tempo por lingüistas, educadores, além de despertar o interesse da sociedade em geral, seja de pais de alunos, que se descobrem aflitos com as dificuldades de seus filhos com as tarefas e os exames de português, seja nos meios de comunicação.

Nesse meio tempo, estimulados por um ensino acrítico, onde o mais importante é decorar o maior número de regras possíveis, sem, no entanto, se importar com o desenvolvimento do senso crítico (a quem interessaria?), nos deparamos com livros, programas de televisão, "papas" da língua portuguesa, verdadeiros mercenários, ou melhor, mágicos com suas fórmulas para que ninguém esqueça as absolutas regras gramaticais. Por outro lado, encontram-se os lingüistas que, como num verdadeiro trabalho de Hercules, procura ressaltar o respeito às variedades encontradas no seio da própria língua. Dentre esses autores, encontramos hoje um nome de destaque: Marcos Bagno, que em suas obras, procura desmistificar uma série de verdades até então tratadas como verdadeiros dogmas por uma elite intelectual e econômica que, quase sempre, demonstram toda a sua intolerância.

Em uma de suas principais obras, "O preconceito lingüístico", Bagno nos apresenta uma nova visão acerca da gramática normativa, bem como nos faz repensar o ensino de Língua Portuguesa em nossas escolas.

Nosso trabalho, portanto, tem como objetivo apresentar uma análise dessa obra, buscando uma compreensão das idéias que vêm sendo propostas e suas implicações na implantação de um novo paradigma no tocante ao ensino de língua portuguesa. Para tanto, nos servimos ainda de outra obra igualmente importante do mesmo autor: "A Língua de Eulália", onde as idéias do lingüista encontram-se também brilhantemente expostas.

Por fim, procuramos analisar como os professores de Língua portuguesa se relacionam com o preconceito lingüístico e, conseqüentemente, como ele está presente em sua

prática pedagógica. Dos vários preconceitos apresentados por (cf. BAGNO, 2005), foram selecionados, neste trabalho: 1- "o brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem o português"; 2- "as pessoas sem instrução falam tudo errado" e 3- "É preciso saber gramática para falar e escrever bem".

Construiu-se, então, um diálogo teórico entre os professores de língua portuguesa e sua formação acadêmica, na qual os aspectos gramaticais aparecem de forma determinante, sendo o referencial nos conteúdos das disciplinas da graduação e, conseqüentemente, o norteador de sua prática pedagógica.

Com objetivo de verificar sua formação lingüística, propomos uma reflexão aos conteúdos apresentados na formação dos professores de Língua Portuguesa, de tal forma que os novos professores (recém-graduados) tenham claro dois caminhos a seguir: permitir a desconstrução desses preconceitos ou a sua manutenção. Este trabalho pretende, portanto, contribuir para os estudos da sociolingüística em Sergipe.

## 1. Preconceito Lingüístico: uma verdade inconveniente.

Com freqüência, escutamos ou lemos em vários lugares afirmações que acabaram, com o tempo, sendo incorporadas ao nosso cotidiano com verdades inquestionáveis (?). Tais afirmativas dizem respeito à Língua Portuguesa: “brasileiro não sabe Português”, “Português é muito difícil”, etc. Tais afirmativas são consideradas, por Marcos Bagno, verdadeiros mitos da Língua Portuguesa.

Esses mitos, porém, têm uma razão de existirem, pois são frutos de uma herança histórica que, por sua vez, acabou estabelecendo como consequência de uma sociedade onde se institucionalizou o Preconceito Social.

Tal postura preconceituosa, entretanto, ultrapassa os limites dos aspectos econômicos e sociais para, inevitavelmente, interferir na própria língua portuguesa. Foi assim que, no decorrer de sua história, as classes dominantes de nosso país acabaram estabelecendo parâmetros que se enraizaram como verdadeiros dogmas de nossa língua, impondo o que é certo ou errado.

Como consequência dessa postura imperativa, acreditou-se que para falar “certo”, as pessoas teriam que seguir essas regras pré-estabelecidas e, ao contrário, todos aqueles que não se encaixassem nesse padrão, estariam falando “errado”. Porém, é preciso que nos perguntemos : como poderíamos estabelecer uma língua única, padrão, num país de dimensões continentais, com tantas variedades de raças como é o Brasil? A resposta apresentada aparentemente parece óbvia: na escola.

Tal obviedade, porém, não se apresenta tão óbvia quando justamente paramos para pensar no acesso a esse saber chamado acadêmico, por isso, Marcos Bagno afirma em seu livro “Preconceito Lingüístico”:

...existem milhões de pessoas que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem-íngua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida com válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão... (Bagno, 2004, p.16-17)

No livro "Preconceito Lingüístico" o autor Marcos Bagno, defende com vigor a língua viva e verdadeiramente falada no Brasil. O livro é publicado pelas Edições Loyola (11ª edição, 2002). Está dividido em quatro partes e um anexo: I – A mitologia do preconceito lingüístico; II – O círculo vicioso do preconceito lingüístico; III – A desconstrução do preconceito lingüístico; e IV – O preconceito contra a lingüística e os lingüistas. O anexo refere-se à carta enviada pelo autor à revista Veja.

Para Bagno, "tratar da língua é tratar de um tema político", já que também é tratar de seres humanos. E por ser um elemento eminentemente humano, a língua se transforma, tal qual o próprio homem. Por isso, Marcos Bagno diz que a língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.

Por outro lado, o preconceito lingüístico, vem sendo alimentado diariamente pelos meios de comunicação, que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, é claro nos instrumentos tradicionais de ensino da língua, ou seja a gramática normativa e os livros

didáticos. Na tentativa de superar os preconceitos lingüísticos, o autor começa por lembrar, catalogar e dissecar alguns mitos consagrados:

O primeiro mito apresentado no livro, é o de que a língua portuguesa “apresenta uma unidade surpreendente”. Nessa obra, o autor ainda apresenta mais sete mitos que, no seu entendimento, estão presentes em nossa sociedade no tocante ao uso da língua portuguesa:

- a) Mito nº 2 – Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português;
- b) Mito nº 3 – Português é muito difícil;
- c) Mito nº 4 – As pessoas sem instrução falam tudo errado;
- d) Mito nº 5 – O lugar onde melhor se fala português no Brasil é no Maranhão;
- e) Mito nº 6 – O certo é falar assim porque se escreve assim;
- f) Mito nº 7 – É preciso saber gramática para falar e escrever bem;
- g) Mito nº 8 – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Ainda sobre o primeiro mito, "A língua portuguesa apresenta uma unidade surpreendente", o autor o considera o maior e mais sério dentre os outros mitos, por ser prejudicial à educação e não reconhecer há uma diversidade enorme no português falado no Brasil. Tal postura tem seu maior reforço nas escolas.

"Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português". Segundo o autor, essas duas opiniões refletem o complexo de inferioridade de sermos até hoje uma colônia dependente de uma país mais antigo e mais "civilizado". O brasileiro sabe português sim. O que acontece é que o nosso português é diferente do português falado em Portugal. A língua falada no Brasil, do ponto de vista lingüístico já tem regras de funcionamento, que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal.

No que diz respeito ao ensino do português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para norma lingüística de Portugal. As regras gramaticais consideradas "certas" são aquelas usadas por lá... (Bagnó, 2004, p.26)

As diferenças na língua falada em Portugal e no Brasil são imensas, sendo a língua escrita o único nível onde ainda é possível uma compreensão, visto que a ortografia é praticamente a mesma, com poucas diferenças.

"Português é muito difícil". Para o autor essa afirmação está baseada na obrigatoriedade de termos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. Para que possamos desmistificar essa afirmativa, é preciso que possamos nos concentrar no português realmente falado no dia a dia, aquele português vivo, que está fora dos compêndios de português.

No fundo, a idéia de que "português é muito difícil" serve como mais um dos instrumentos de manutenção do *status quo* das classes sociais privilegiadas. Essa entidade mística e sobrenatural chamada "português" só se revela aos poucos iniciados... (Bagnó, 2004, p.39)

"As pessoas sem instrução falam tudo errado". Eis outra falácia. Isso se deve simplesmente a um questão que não é lingüística, mas social e política, as pessoas que falam "errado" pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sobre o mesmo

preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito lingüístico é decorrência de um preconceito social.

Em outra obra de Marcos Bagno, "A Língua de Eulália", o autor nos coloca efetivamente diante desse problema.

O livro conta a história de três professoras e estudantes universitárias que visitam a tia de uma delas, chamada Irene. Esta mora em uma fazenda em Atibaia e é professora universitária já aposentada, de Língua Portuguesa e Lingüística. Através do romance, as idéias de Bagno vão sendo apresentadas através dos diálogos entre as personagens.

Em um dos diálogos, Irene explica que, no momento que se estabelece uma norma padrão, ela ganha tanta importância que todas as demais variedades são consideradas "impróprias", "erradas" e "feias". Os motivos que levam a serem estabelecidos esses padrões são, antes de tudo, históricos, econômicos e culturais. Assim, ela nos apresenta dois tipos de português: ela afirma que existe um português padrão (PP) que é usado para a literatura, nas escolas, etc; e um português não-padrão (PNP) que é falado pela grande maioria de pobres e pelos analfabetos. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais marginalizadas e oprimidas pelas injustiças sociais que impera no Brasil, o PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. A criança que chega à escola falando o PNP é considerada uma "deficiente" lingüística, como se sua bagagem lingüística refletisse conseqüentemente uma inferioridade mental.

O português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo... É também, conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que freqüentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil (...) o PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado "feio", "deficiente", "pobre", "errado", "rude", "tosco", "estropiado". (Bago, 2001, p.28)

"O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão". Para Marcos Bagno, o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente "melhor", "mais pura", "mais bonita", "mais correta" que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o "melhor" ou o "pior" português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. (Bago, 2004, p.51)

"O certo é falar assim porque se escreve assim". O que acontece é que em toda língua mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A ortografia oficial é necessária, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada "artificial" e reprovando como "erradas" as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idiomas.

Mais uma vez, Marcos Bagno estabelece uma defesa da língua falada, sem, entretanto, desmerecer a língua escrita. Essa defesa também está presente na "Língua de Eulália":

A língua escrita serve como registro permanente... *scripta manent...* é usada para a transmissão do saber e da cultura, e muitas vezes é até interessante que ela permaneça sem muitas mudanças, para que a gente possa ler com facilidade documentos antigos e livros impressos há muito tempo. O que não podemos admitir é que ela seja usada como um “instrumento de tortura” ou uma “prisão” para língua falada. Nunca é demais lembrar que o homem fala há milhões de anos e que as primeiras formas de escrita datam apenas de 3.500 antes de Cristo. (Bagno, 2001, p.87)

"É preciso saber gramática para falar e escrever bem". Segundo Mário Perini em *Sofrendo a gramática* (p.50), "não existe um grão de evidência em favor disso; toda a evidência disponível é em contrário". Afinal, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática.

A gramática normativa, portanto, é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle.

A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. Mas, segundo Bagno:

... enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece... (Bagno, 2004, p.67)

"O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" – esse mito como o primeiro são aparentados porque ambos tocam em sérias questões sociais. A transformação da sociedade como um todo está em jogo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a "ascensão" social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua.

O autor de “Preconceito Lingüístico” descreve a existência de um círculo vicioso de preconceito lingüístico composto de três elementos: o ensino tradicional, a gramática tradicional e os livros didáticos. Na visão de Bagno, isso não funciona assim, "a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, fechando o círculo, recorrem à gramática tradicional como de fonte de concepções e teorias sobre a língua". A maneira como o ensino é administrado tem sido estudada pelo Ministério da Educação e nos Parâmetros curriculares nacionais "reconhece que há "muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. Bagno cita o quarto elemento como sendo os comandos paragramaticais, ou seja todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programadas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS, etc.

Além disso, ainda tem o famigerado vestibular que, de forma nociva, acaba reforçando o preconceito lingüístico, cobrando em suas provas questões que, em essência, só serve para reforçar o preconceito lingüístico:

Se não ensinarmos esse monte de velharias, nossos alunos mais tarde não vão ter sucesso no vestibular nem nos concursos públicos, que têm provas de português com questões completamente absurdas.

(...)

Por mais que a gente tente inovar o ensino de língua, sempre aparece alguém para nos lembrar: “Sim, mas, no vestibular...” Aliás, esse é o grande argumento, grande trunfo dos *paragramáticos*. É o que rende as eles boa aceitação de seus produtos gramatiqueros. No dia em que os vestibulares desaparecerem ou se transformarem, no dia em que os concursos públicos forem elaborados com um mínimo de sensibilidade, eles talvez fiquem sem emprego. (Bagno, 2001, p.175-176)

Não podemos deixar de reconhecer a existência de uma crise no ensino da Língua Portuguesa, nascida na recusa dos defensores da gramática tradicional em acompanhar os avanços da ciência da linguagem. Para se mudar esse quadro é necessário uma mudança de atitude, perder essa idéia de "certo" e "errado" e refletir a respeito das dez cisões<sup>1</sup> propostas por Bagno para um ensino mais consciente e menos preconceituoso:

- 1) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele SABE essa língua. Com mais ou menos quatro anos de idade, uma criança já domina integralmente a gramática de sua língua. Sendo assim,
- 2) Não existe erro de português. Existem diferentes gramáticas para as diferentes variedades de português, gramáticas que dão conta dos usos que diferem da alternativa única proposta pela Gramática Normativa.
- 3) Não confundir erro de português (que, afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural. A ortografia é uma decisão política, por isso ela pode mudar de uma época para outra. Línguas que não têm sistema escrito nem por isso deixam de ter sua gramática.
- 4) Tudo o que os gramáticos conservadores chamam de erro é na verdade um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Nada é por acaso.
- 5) Toda língua muda e varia. O que hoje é visto como certo já foi erro no passado. O que hoje é visto como erro pode vir a ser perfeitamente aceito como certo no futuro da língua.

---

<sup>1</sup> BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico. O que é, como se faz*. 28ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

- 6) A língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela simplesmente VAI, isto é, segue seu caminho, transformando-se segundo suas próprias tendências internas.
- 7) Respeitar a variedade lingüística de uma pessoa é respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano digno de todo respeito, porque
- 8) A língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. Enxergamos o mundo através da língua. Assim,
- 9) O professor de português é professor de TUDO. Por isso talvez devesse ter um salário igual à soma dos salários de todos os demais professores.
- 10) Ensinar bem é ensinar para o bem. É valorizar o saber intuitivo do aluno e não querer suprimir autoritariamente sua língua materna, acusando-a de ser "feia" e "corrompida". O ensino da norma culta tem de ser feito como um acréscimo à bagagem lingüística da pessoa e não como uma substituição de uma língua "errada" por uma "certa".

## 2. Professores de língua e o ensino de Português: no meio do fogo cruzado.

De repente, nos deparamos com as colocações inquietantes de Marcos Bagno e outros Lingüistas que, como ele, criticam de forma veemente o ensino da gramática normativa, como tem sido feito há tanto tempo.

Mas, se por um lado, nos vemos de acordo com tais argumentos, por outro, nos deparamos com uma formação voltada quase toda ela para preparar profissionais que ensinem

justamente a tal gramática normativa. Mais do que isso, em poucos momentos de nossa formação, nos são possibilitadas discussão e aprofundamento sobre nossa prática pedagógica.

Pelo contrário, desde o início, assim como foi no Ensino Médio, somos levados a decorar regras que, como diria Bagno, muitas vezes não servem pra nada, ou melhor, para confundir ainda mais a cabeça dos nossos alunos, verdadeiras ciladas que, em mãos despreparadas são, podemos dizer, “armas de reprovar”.

Em um artigo intitulado “*Nada na Língua é Por Acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna*”, publicado na revista *Presença Pedagógica* em setembro de 2006, e publicado em seu site ([www.marcosbagno.com.br](http://www.marcosbagno.com.br)), Bagno se debruça justamente sobre o ensino de Português e suas implicações. Nesse artigo<sup>2</sup> ele afirma que:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção lingüística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.

Podemos, por exemplo, ao encontrar formas não-padrão na produção oral e escrita de nossos alunos, oferecer a eles a opção de “traduzir” seus enunciados para a forma que goza de prestígio, para que eles se conscientizem da existência dessas regras. A consciência gera responsabilidade. E é ao usuário da língua, ao falante/escrevente bom conhecedor das opções oferecidas pelo idioma, que caberá fazer a escolha dele, eleger as opções dele, mesmo que elas sejam menos aceitáveis por parte de membros de outras camadas sociais diferentes da dele. O que não podemos é negar a ele o conhecimento de todas as opções possíveis.

Nesse sentido, o papel do professor é primordial na implantação de uma nova forma do ensino de Língua Portuguesa em nossas escolas, pois:

Para realizar essa tarefa, o docente precisa se apoderar do instrumental que a ciência lingüística, e mais especificamente a Sociolingüística, oferece para a análise criteriosa dos fenômenos de variação e mudança lingüística.

---

<sup>2</sup> Copiado do endereço eletrônico: [http://www.marcosbagno.com.br/art\\_nada-na-lingua-e-poracaso.htm](http://www.marcosbagno.com.br/art_nada-na-lingua-e-poracaso.htm)

O profissional da educação tem que saber reconhecer os fenômenos lingüísticos que ocorrem em sala de aula, reconhecer o perfil sociolingüístico de seus alunos para, junto com eles, empreender uma educação em língua materna que leve em conta o grande saber lingüístico prévio dos aprendizes e que possibilite a ampliação incessante do seu repertório verbal e de sua competência comunicativa, na construção de relações sociais permeadas pela linguagem cada vez mais democráticas e não-discriminadoras.

Eis o grande desafio do professor de Língua Portuguesa: como identificar tais aspectos se, na sua formação eles quase não aparecem, salvo por um ou outro momento excepcional? Como propor uma mudança de paradigma se, inclusive ele, acaba reforçando todo esse preconceito lingüístico?

De fato, tais questionamentos tornam-se inquietantes, visto que, depois de formados, os professores acabam perpetuando uma forma de ensino de Língua Portuguesa que prioriza a “decoreba” de regras que, na maioria das vezes, acabam servindo apenas como critério de corte nos vestibulares e concursos. Além disso, é preciso levar em conta os aspectos subjetivos do próprio professor que, mesmo “inconsciente”, acaba reforçando os preconceitos lingüísticos. Sobre isso, podemos citar outro autor, John Lyons que, em seu livro “Língua(gem) e Lingüística” acaba reforçando as teses de Bagno:

Há provas de que os professores, como a maioria dos membros instruídos da comunidade, seja qual for a sua própria origem social, têm preconceito, de vários tipos, contra os dialetos-não-padrão regionais e sociais. Eles podem até julgar uma criança, sem querer, como menos inteligente simplesmente porque o seu dialeto (ou mesmo sotaque) é mais forte do que o de seus companheiros. (LYONS, 1987. p.214)

Diante do exposto, fica evidente a importância, na formação do professor, de disciplinas/conteúdos que possibilitem ao graduando uma constante reflexão sobre a língua e suas implicações sociais, ou seja, é preciso dar aos futuros professores oportunidades para uma

formação verdadeiramente humanista, na qual desenvolva sua sensibilidade diante dessa sutil relação.

Ao professor, portanto, cabem os instrumentos que possibilitarão um ensino de Língua Portuguesa no qual se reconheça como uma agente transformador e, por que não dizer, sensível aos problemas sociais que, direta ou indiretamente, estão ligados a um ensino cada vez mais excludente.

O maior paradoxo, no entanto, aparece quando sujeitos oriundos das chamadas classes “menos favorecidas”, ao tornar-se professores acabam perpetuando os preconceitos que, por outro lado, deveriam combater.

Observe-se aqui que não pretendemos combater o ensino da gramática, nem tampouco rotulá-la de inútil, mas oferecemos o espaço para refletir sobre o atual ensino de Língua Portuguesa, no qual prioriza-se (sempre foi assim) o ensino de uma língua padrão, tida como a “certa”, sem ao menos questionarmos acerca dos valores e verdades que, implicitamente (ou seria explicitamente?) estão compreendidos.

Levando em conta o exposto, torna-se evidente que é hora de repensar o ensino de Língua Portuguesa, principalmente no que diz respeito à gramática, com suas regras e seus preconceitos lingüísticos que tão eficientemente conseguem impor e perpetuar em nossas escolas.

### 3. Considerações Finais

Considerando que o principal objetivo do presente trabalho era possibilitar uma reflexão acerca do preconceito lingüístico e sua relação com os professores, acreditamos que o trabalho realmente atingiu tal objetivo.

As reflexões do Professor Marcos Bagno nos direcionaram para uma visão mais crítica acerca do ensino de gramática, mas também possibilitaram a reflexão sobre a própria formação do professor de Língua Portuguesa.

O ensino de Português, assim como História, Geografia, Ciências, etc, não pode ser distanciado da própria realidade. Assim, fica evidente que tal postura obedece a uma proposta de ratificação da ordem vigente. Em outras palavras, língua e ideologia acabam andando lado a lado. Mais do que isso, a própria língua estabelece-se como importante mecanismo de confirmação das desigualdades sociais que tanto violentam o povo brasileiro.

Nesse contexto, somos forçados a repensar nossa prática, em especial o ensino de Língua Portuguesa, visto que esta acaba sendo um forte mecanismo de exclusão social. Tal perspectiva parece estar ligada ao fato de que se estabelecendo uma linguagem “certa”, estamos rotulando todas as outras de “erradas”. Mas o que dizer disso num país como o Brasil, de dimensões continentais, com tantos dialetos, culturas, sotaques, enfim, quem poderia nesse Brasil composto de diversos “Brasis” dizer quem fala/escreve “certo” ou “errado”?

O texto não tem o objetivo de ser uma apologia a qualquer ideologia, embora reconheça que esta e a língua estão intimamente ligadas, mas também não podemos negar que as verdades evidenciadas nas gramáticas foram estabelecidas por aqueles que dispunham do poder para isso.

Nesse caso, não podemos negar que a língua “padrão”, “certa”, “bonita”, tão propagada em nossas gramáticas, é a língua de uma classe. Todas as outras, portanto, acabam (in)conscientemente assumindo uma posição inferior na perversa hierarquia das classes sociais.

Entretanto, refletir sobre o ensino de português é, necessariamente, refletir sobre o “professor” que, por sua vez, acaba sendo um importante (poderíamos até dizer que um dos “mais” importantes) instrumento de exclusão social, afinal, o preconceito lingüístico é, como dia Marcos Bagno, também um preconceito social.

Finalmente, podemos dizer que, se quisermos falar em mudanças sociais, não podemos esquecer das mudanças nas práticas pedagógicas, nas quais estão evidentemente inclusas o ensino de Língua Portuguesa. Ao professor, também com seus preconceitos, cabe uma interminável reflexão sobre ele e, evidentemente, sua atuação profissional.

Se, por um lado, as Academias não possibilitam um diálogo mais crítico entre a educação e a sociedade, com todas as suas implicações sociais, por outro, pode tornar evidente tais posturas excludente (inclusive o preconceito lingüístico).

Seja de uma forma, ou de outra, os caminhos parecem nos levar a um mesmo destino, ou seja, é preciso repensar o ensino de Língua Portuguesa e o papel do professor dessa disciplina em qualquer projeto que vise verdadeiramente quaisquer mudanças sociais.

## Referências

**BAGNO, Marcos.** Dramática da língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_ A língua de Eulália: novela sociolingüística. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_ A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_ Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. 28<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2004.

**LYONS, John.** Língua(gem) e Lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.